

A REPRESENTAÇÃO DE SATÃ NO IMAGINÁRIO POPULAR: O DIABO PÓS-MODERNO NA LITERATURA DE CORDEL*

*LACERDA, Erasmo Peixoto de***

A presente comunicação é fruto de uma pesquisa em estágio inicial, sem apresentar, portanto, resultados conclusivos e finais da mesma, mas preocupando-se, prioritariamente, em apresentar os caminhos que serão trilhados e os objetivos a serem alcançados.

A Literatura de Cordel, considerada parte da Cultura Popular do Brasil, tem como característica sua ligação com a população de classe baixa, e geralmente rural, do nordeste brasileiro, retratando em versos suas vivências cotidianas, crenças e visões de mundo¹. Lima nos mostra que:

O poeta cria sua obra em sintonia com seu universo psicossocial, suas personagens são aquelas que compartilham o mesmo e árido chão e, mesmo quando ele adapta um romance tradicional, seus reis, rainhas, príncipes e princesas são reflexos do povo do qual o poeta é parte e porta-voz. (2008, p. 22)

Desta forma o autor nos mostra a ligação do cordelista com a camada popular que também faz parte, assim como seu papel social: “O poeta de cordel pode ser visto, portanto, como um anunciador das coisas e das pessoas, um porta-voz da comunidade, de suas inquietudes e de todas as mudanças que se evidenciam no mundo da vida” (ARAÚJO, 2007, 24). Como nos mostra a autora, o cordelista é a voz do povo amplificada em folhetos impressos e, através de uma relação dialética, contribui para a construção cultural e identitária de seu público.

A origem da Literatura de Cordel brasileira suscita controvérsias sempre que é questionada. Entre seu surgimento no Nordeste brasileiro, e esse surgimento como herança européia, indícios parecem nos mostrar a maior plausibilidade da segunda hipótese, como o fato de os primeiros livretos serem adaptações de romances de cavalaria do continente europeu medieval, a derivação da literatura oral e a presença de formas editoriais semelhantes em Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Holanda e Alemanha, ainda que não se saiba como estes atravessaram o oceano rumo ao Novo Mundo e nem a quantidade em que chegaram. Na

* A presente pesquisa é parte obrigatória para a conclusão do curso

** Graduando em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Coxim (UFMS/CPCX).

¹ LIMA, Antonio Carlos Ferreira. *A permanência do ciclo místico religioso da literatura de cordel e sua correlação com os níveis de construção textual*. Tese (doutorado em Letras e Linguística: Literatura Brasileira), Maceió (AL): PPGL/UFAL, 2008, p. 34.

Holanda e na Alemanha, como nos mostra Lima, os folhetos são datados do século XV e XVI²; já na França, como nos mostra Chartier (1990), os livros de baixo preço destinados à massa de classe baixa e divulgados através de venda ambulante já estavam difundidos por todo o reino no século XVIII³. Entretanto o cordel brasileiro, que teve seu início nos fins do século XIX, tem como peculiaridade ser composto quase exclusivamente por poesias⁴.

Sendo ela uma literatura que propõe retratar a vida dos sertanejos nordestinos, possui grande abrangência e diversidade temática. Inúmeros teóricos do estudo da poesia popular tentaram subdividi-la em classificações temáticas, ou ciclos, entre eles cito: Orígenes Lessa que apresentou uma classificação em sete ciclos⁵, Proença, em *Literatura popular em verso*, com uma classificação em dez eixos temáticos⁶ e Slater, em *A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil*, em que, considerando falha a classificação temática, apresentou uma classificação por meio de uma abordagem estrutural dividida em seis passos⁷. Baseando-se na divisão usada por Lima como referência, à qual julgamos aglutinar, de forma sintética, melhor as diversas temáticas presentes na Literatura de Cordel, e na qual o autor divide em cinco – heróico, místico-religioso, histórico-jornalístico, humorístico e ético-exemplar⁸. Utilizaremos nesta pesquisa somente o ciclo místico-religioso, que está presente na Literatura de Cordel brasileira desde o princípio.

Este ciclo surge a partir das crenças populares, por tanto perpassa tanto os santos canônicos da devoção popular, como Nossa Senhora Aparecida e Santo Antônio, quanto os não canonizados pela Igreja, mas pelos fiéis, como Padre Cícero e Frei Damião, juntamente

² LIMA, Antonio Carlos Ferreira. *A permanência do ciclo místico religioso da literatura de cordel e sua correlação com os níveis de construção textual*. Tese (doutorado em Letras e Linguística: Literatura Brasileira), Maceió (AL): PPGL/UFAL, 2008, p. 14-15.

³ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, cap. IV, V e VI.

⁴ LIMA, Antonio Carlos Ferreira. *A permanência do ciclo místico religioso da literatura de cordel e sua correlação com os níveis de construção textual*. Tese (doutorado em Letras e Linguística: Literatura Brasileira), Maceió (AL): PPGL/UFAL, 2008, p. 15.

⁵ Ibidem, p. 23. São eles: “1. o heróico (obras épicas, cangaço), 2. o histórico (grandes nomes da história do Brasil, a seca e os retirantes), 3. o maravilhoso (seres fantásticos, acontecimentos mágicos), 4. o religioso e moral (histórias bíblicas, de santos e milagres, usos e costumes), 5. o de amor e fidelidade (histórias românticas com final feliz), 6. o cômico e o satírico (sátira política, caricatura de tipos, e 7. o circunstancial (acontecimentos recentes, fatos políticos).”

⁶ Idem. São eles: “1. Herói Humano (herói singular, herói casal, reportagem e política), 2. Herói Animal, 3. Herói Sobrenatural, 4. Herói Metamorfoseado, 5. Natureza (regiões e fenômenos), 6. Religião, 7. Ética (sátira social e econômica, exaltação e moralidade), 8. Pelejas, 9. Ciclos (Carlos Magno, Antônio Silvino, Pe. Cícero, Getúlio Vargas, Lampião, valentes, anti-heróis, Boi e Cavalo), e 10. Miscelânea (lírica, guerra e crônica).”

⁷ Ibidem, p. 24. São eles: “1. pacto, 2. prova, 3. reação, 4. contra-resposta, 5. julgamento e 6. reafirmação do pacto – e num pacto recíproco entre dois participantes.”

⁸ Ibidem, p. 25. A classificação é: “1. heróico: engloba todo tipo de herói, seja humano, animal, casal apaixonado etc.; 2. místico-religioso: envolve tudo que se relaciona ao sobrenatural, à fé, crenças e devoções; 3. histórico-jornalístico: abrange todo fato histórico passado ou presente, ‘causos’ e ‘acontecidos’; 4. humorístico: marcado, sobretudo pela comicidade, que tem como principal objetivo provocar o riso; 5. ético-exemplar: procuram passar ensinamentos, ou criticar usos e costumes transmitindo ao público leitor-ouvinte valores morais.”

com diversos personagens que fazem parte do imaginário popular, como o Diabo e seus anjos demoníacos. Tudo isso faz parte e da forma a esse mundo místico-religioso presente na Literatura de Cordel. No entanto nos restringiremos a apenas um personagem específico dentro do ciclo místico-religioso: o Diabo.

Personagem de destaque dentro do cristianismo, a personificação do mal teve grandes transformações na forma como as pessoas acreditam e lidam com este. De anjo executor de ordens divinas à inimigo de Deus, de ser amedrontador à produto de entretenimento; é o Diabo em diversas formas sócio-históricas.

Seu surgimento se dá ainda no judaísmo, religião gestora das idéias cristãs. Este em seu princípio, por ser um monoteísmo que rejeita veementemente outras divindades, não abre espaço para a crença na personificação do mal. O bem e o mal vinham de JAVÉ, o Deus único. Esta crença, no entanto, começa a sofrer alterações após o cativo babilônico, no século VI a.C., onde os judeus entram em contato direto com outras formas religiosas. A partir de então a expressão *satanás*, que significa “um que é contra, obstrui ou age como adversário” (PAGELS, 1996, p. 66), começa a figurar na literatura judaica como obstáculos ou problemas inesperados, sendo comumente traduzida para o português como adversário. A utilização dessa expressão se intensifica com a dominação helênica, no século II a.C., momento que estipula as bases da crença cristã no Diabo⁹.

Esta permanece, todavia, sem sistematização alguma. Até o quarto século, não há consenso sobre a doutrina do Diabo. Como diz Messadié, o Diabo “existia efectivamente,(sic) mas não se sabia verdadeiramente quem ele era nem por que é que tinha nascido [...], não havia teoria do Diabo” (2001, p. 345). Por toda a Baixa Idade Média, nas camadas populares, cresce vigorosamente a figura do Diabo, alimentado por lendas repassadas de forma oral ou escrita. Somente no século XII o cristianismo vem organizar a crença neste personagem de sua doutrina, depois de constantes debates no seio da Igreja frente ao crescente número de heresias e a necessidade de “identificar os inimigos da Igreja” (ALMEIDA, nº 5, p. 3). Segundo Nogueira nesse período “as idéias esparsas e muitas vezes contraditórias sobre a figura do Diabo começam a ser reunidas em uma coerente e uniforme sistematização dogmática” (1986, p. 43).

Se no século XII há a sistematização dogmática é entre os séculos XIV e XVI que o Diabo encontra seu apogeu, com o declínio do sistema feudal e o advento da renascença. As

⁹ PAGELS, Elaine. *As Origens de Satanás: um estudo sobre o poder que as forças irracionais exercem na sociedade moderna*. Rio de Janeiro: EDIOURO, 1996, cap. II.

artes, já utilizadas anteriormente, ganham mais força na propagação da idéia do juízo final, com a pedagogia do medo implantada pela Igreja¹⁰. Além disso, como diz Nogueira:

É necessário esclarecer que, no interior dessa explosão de terror dos agentes do Mal e da danação eterna, existe uma série de fatos, ocorridos a partir do século XIV, que provocam um aumento monumental do pânico nas consciências cristãs. A crise geral do Feudalismo e os seus desdobramentos: a peste negra, que em 1348 atinge a Europa de modo devastador, as revoltas urbanas e camponesas que explodem de país em país, a interminável Guerra dos Cem Anos, o ameaçador avanço turco após as derrotas de Kossovo (1389) e Nicópolis (1396), o Grande Cisma – o escândalo dos escândalos –, as cruzadas contra os hussitas, a decadência moral do Papado e a Reforma Protestante, com todas as suas conseqüências, levam os homens atingidos a buscar os porquês desse sofrimento monstruoso. (1986, p. 71)

A resposta para as inúmeras calamidades que assolam a Europa Medieval recai sobre o adversário de Deus e dos santos, o Diabo. O homem medievo vive, neste período, em constante medo. “Com certa ajuda do Diabo, os riscos da danação eram tão grandes e as chances de salvação tão pequenas que forçosamente o medo prevalecia sobre a esperança” (LE GOFF, 2005, p.325), o que mostra a necessidade, para os medievos, deste representante do mal para a compreensão do mundo que os cerca, explicando conseqüentemente o porquê do auge no período.

Com o advento do Iluminismo, e sua proposta de racionalização do mundo, ele perde força. Isto é, segundo Almeida, “reflexo dos movimentos científico-filosóficos representantes de uma era que já não mais se encontrava sob o jugo das autoridades religiosas” (nº 5, p. 7). O Diabo é laicizado e o medo, assim como o poder da Igreja de criar um imaginário coletivo, deixa de ser tão presente.

No século XIX, através do Romantismo, há uma reabilitação do Diabo entre a elite ocidental. Ele passa ser visto agora como o “símbolo das paixões humanas reprimidas pela religião e a sociedade” (QUINTILIANO, 2009). Segundo Nogueira:

O Romantismo transformará Satã no símbolo do espírito livre, da vida alegre, não contra uma lei moral, mas segundo uma lei natural, contrária à aversão por este mundo pregada pela Igreja. Satanás significa liberdade, progresso, ciência e vida. Tornar-se-á moda a identificação com o Demônio. (1986, p. 80)

Com o Romantismo vem uma desconfiguração da figura religiosa do Diabo. Uma completa inversão. Ele já não é o adversário, mas o companheiro do homem. Já não é o mal, mas o bem que não deixaram revelar.

¹⁰ ALMEIDA, Marcos Renato Holtz. *Do terror ao entretenimento: a evolução da figura do Diabo na sociedade pós-moderna*. In. Revista Urutágua, Revista Acadêmica Multidisciplinar do Centro de Estudos sobre Intolerância. Departamento de Ciências Sociais, UEM, Maringá, nº 5, p. 4.

Após inúmeras transformações no século XX, segundo Almeida

O Diabo encontrou espaço de expressão e de representação no veio da Indústria Cultural, a qual apropriou-se de sua imagem e, conhecendo o seu permanente significado no imaginário, moldou-o ao grande público, vendeu-o como uma mercadoria apta a entreter uma sociedade consumista dos mais variados bens simbólicos (nº 5, p. 8).

Como o autor nos mostra, em uma sociedade que tem como base o modelo capitalista o Diabo deixou de ser uma figura aterrorizante e temida para se transformar em mais um produto, visando o entretenimento pessoal. Seja em forma cinematográfica ou nas letras das bandas de heavy metal temos a oportunidade de vê-lo através dos grandes meios de comunicação de massa.

E também através da Literatura de Cordel, com sua ideologia conservadora, na medida em que busca manter as práticas antigas, e reacionária, diante da banalização do presente, buscando sempre defender a tradição e usos e costumes¹¹. Desde o princípio podemos ver folhetos que o colocam como personagem central – ou participante – da narrativa. É possível observar tal afirmação a partir de folhetos de cordel de Leandro Gomes, grande nome da primeira geração de cordelistas – pioneiro da Literatura de Cordel brasileira e considerado por muitos o principal poeta popular do Brasil –, entre eles *A peleja de Manoel Riachão com o Diabo*, um clássico da Literatura popular.

Este folheto narra a história de Manoel Riachão, um exímio repentista que faz questão de explicitar:

Eu canto há 18 anos
A vinte toco viola
Sempre encontro cantador
Que só tem fama e paróla
Quando canta meio dia
Cai a meus pés, no chão e rola (1899, p. 9)

A trama se desenrola a partir do encontro de Manoel Riachão, um fiel católico, com um repentista negro desconhecido, que posteriormente será revelado como o Diabo que busca um pacto com ele. Além do receio de Riachão em disputar com um possível escravo fugido a narrativa nos mostra um Diabo – conhecedor de passagens bíblicas, conhecimentos científicos e momentos da vida de Riachão – que consegue, por meio de sua habilidade no repente, fazer com que o duelo aconteça. O Diabo descrito não é um ser amedrontador, pelo contrário, se encontra próximo dos humanos, com a possibilidade de ser vencido e enganado por estes.

¹¹ LIMA, Antonio Carlos Ferreira. *A permanência do ciclo místico religioso da literatura de cordel e sua correlação com os níveis de construção textual*. Tese (doutorado em Letras e Linguística: Literatura Brasileira), Maceió (AL): PPGL/UFAL, 2008, p. 20-21.

O Diabo oferece à Riachão proteção, além de riqueza e prazeres terrenos que ele e sua família, mesmo com muito esforço, não conseguiram obter:

Inda não lhe ameacei
Nem pretendo ameaçá-lo
Estou pronto a defendê-lo
Se alguém quiser atacá-lo
Em minha humilde pessoa
Tem um pequeno vassalo (...)

Teu visinho e parente
Enricou sem trabalhar
Teu pai trabalhava tanto
E nunca pôde enricar
Não se deitava uma noite
Que deixasse de rezar (Idem, p. 14-15)

Riachão, como bom fiel, resiste às tentações do inimigo, dizendo ter de Deus o necessário: “Ciência e essa viola” (Idem, p. 15). Espanta seu adversário, o Diabo encarnado em homem negro, invocando poderes celestiais: “Riachão gritou: Jesus!/ Homem Deus sacramentado/ Valha-me a Virgem Maria/ A mãe do verbo encarnado” (Idem, p. 16) e o adversário gritando desapareceu, dando a vitória na peleja a Manoel Riachão.

Mais de cem anos depois podemos notar a permanência deste assunto e personagem nos folhetos de cordel. Entre os muitos citamos *Um pagode no inferno ou a nova loura do cão* (1999), de Arivaldo Viana.

Neste folheto o autor expõe sua visão da falta de moralidade na sociedade brasileira, o que, segundo ele, muito se dá pela banalização moral e a busca pela beleza exterior perfeita difundida pela televisão. Segundo a narrativa

Satanás sabendo disso
Se transformou em um bode
Passou um mês na Bahia
(Porque tem dinheiro e pode)
Já mandou fazer um terno
E vai fundar lá no Inferno
Uma banda de pagode

Pois viu que o nosso Brasil
Tá muito mais depravado
Que as profundas do Inferno
(Oh! lugar desanimado)
Num carnaval, na Bahia
Viu tanto da putaria
Que ficou ruborizado

Contratou um *marketeiro*
Novo, sabido e moderno

Que trabalha no planalto
De pasta, gravata e terno
Sujeito das altas rodas
Pra implantar essas modas
Da terra lá no Inferno (1999. p. 3)

Percebemos, no trecho citado, um forte traço ideológico conservador e reacionário, algo tão presente na Literatura de Cordel diante dos “desmantelos do mundo” (LESSA, 1983, p. 1).

O Diabo novamente é representado como um ente possível de ser ludibriado e vencido pelo homem. Após um concurso para escolher as dançarinas uma delas o seduziu, rapidamente engravidou e o colocou no tribunal. Depois de uma grande discussão frente ao juiz o Diabo tem sua “conta depenada” (Idem, p. 7) e a loura pega um vôo pra Bahia, onde ficará “esperando só o dia/ de parir o capetinha” que provavelmente nascerá “já no próximo carnaval” (Idem, p. 8).

Entre os folhetos aqui discutidos há um século de diferença, no entanto o Diabo permanece intimamente ligado com a religiosidade e literatura popular. Interessante notarmos que em Leandro Gomes o Diabo se materializa em um negro desconhecido, que poderia ser um escravo fugido; cem anos depois, em Arivaldo Viana, ele se transforma em um bode, o que mostra a prática criativa ligada ao seu tempo.

A Literatura de Cordel, representante da literatura popular brasileira, como qualquer outra forma literária, se constrói dentro de um contexto social, sendo modificada pela sociedade ao mesmo tempo que modifica-a, por ser, em uma perspectiva marxista de um materialismo cultural, um processo social ativo¹².

Considerando o processo de transformação que a figura do Diabo sofreu na história e no próprio imaginário da cultura ocidental, é importante considerar as transformações sociais ocorridas principalmente com o advento do capitalismo. As modificações nas relações de trabalho com o surgimento da indústria alteram significativamente o papel do sujeito diante do mundo.

Junto ao capitalismo surge uma nova sociedade, pautada essencialmente no consumo e sobretudo no esvaziamento ideológico e nas discussões fragmentadas, na qual convencionou-se chamar de pós-modernidade.

A pós-modernidade é caracterizada pelas incertezas, pelas desconstruções do vazio, sobretudo da troca entre ética e estética, do consumo exagerado. É, sobretudo, um

¹² WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

período de transições de transformações, dos excessos e das identidades fragmentadas. Nesse sentido, as discussões que abarcam a pós-modernidade expressam as incertezas, os riscos, às desesperanças. A angústia é inerente ao sujeito, mas é fomentada pelas condições socioeconômicas dos tempos presentes. Portanto, o sujeito presente nesse tempo é representado pela falta de entusiasmo, pela crença real em algo, num projeto político, numa idéia, numa causa. Este sujeito já não acredita em grandes mudanças, no sonho de um mundo mais justo, igualitário, de respeito às diferenças. Para Santos:

Pós- Moderno é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando por convenção se encerra o modernismo (1900-1950). Ele nasce com a arquitetura e a computação nos anos 50. Toma corpo com a arte pop nos anos 60. Cresce ao entrar pela filosofia durante os anos 70 como crítica da cultura ocidental. E amadurece hoje, alastrando-se na moda, no cinema, na música e no cotidiano programado pela tecnociência sem que ninguém saiba se é decadência ou renascimento cultural. (SANTOS, 1986;20).

Assim, podemos entender que a pós-modernidade surge como uma ruptura com o moderno, e isso faz com que a sociedade e os sujeitos inseridos nela transformem-se também, percebe-se que as transformações culturais estão diretamente ligadas a pós-modernidade, no sentido do esvaziamento de significações, no niilismo de sentidos. Segundo Eagleton: “O capitalismo necessita de um ser humano que jamais existiu - um que seja prudentemente refreado no escritório e ferozmente anárquico no Shopping Center.” (EAGLETON, 2005;49). Esse, portanto, é o perfil que a pós-modernidade espera dos sujeitos, o consumo exagerado. Por sua vez os produtos culturais passam também a ser parte direta dessa idéia consumista, o que reafirma a direta relação das concepções pós-modernas e o capitalismo.

Nessa perspectiva, tenta-se associar as transformações culturais no imaginário popular quanto à figura do Diabo e dessa forma compreender as transformações que este personagem mítico-religioso sofreu durante esse processo de mudanças sociais, oriundas do comportamento pós-moderno.

Sabendo da emergência da pós-modernidade, fenômeno cotidiano que transforma as bases da sociedade moderna, “um jeito novo de estar e ser no momento atual, que vai do social às ciências, da filosofia à literatura e demais humanidades, da arte ao folclore, da linguagem à comunicação, das teologias às ciências das religiões” (QUEIROZ, 2006, p. 4), sabemos da influência desta na prática criativa.

O pós-modernismo, este “novo modo de pensar e ser no mundo” (JAMESON, 2005, p. 48), está intimamente ligado com as sociedades pós-industriais baseadas no consumo e na informação através dos meios tecnológicos de comunicação. Segundo Santos “o pós contém um dê – um princípio esvaziador, diluidor. O pós-modernismo desenche, desfaz

princípios, regras, valores, práticas, realidades” (1986, p. 18), o que, segundo o autor, possibilita a construção de sujeitos multifacetados, com participação em diferentes aspectos sem total envolvimento e sem caráter militante.

Enquanto o modernismo se prende à solides de ideais e às formas bem claras e definidas, o pós-modernismo os rejeita e os desconstrói. É o momento em que os valores modernistas “entram em decadência acelerada” (Ibidem, p. 76).

Santos nos diz que:

Até há pouco a massa moderna era industrial, proletária, com idéias e padrões rígidos. Procurava dar um sentido à História e lutava em bloco por melhores condições de vida e pelo poder político. Crente no futuro, mobilizava-se para grandes metas através de sindicatos e partidos ou apelos nacionais. Sua participação era profunda (Ibidem, p. 89).

Em contraponto ao modernismo industrial citado pelo autor, o pós-moderno, na sociedade pós-industrial, rejeita estas ações, colocando em primeiro plano o individualismo. Vai contra as idéias e padrões rígidos e tem um esvaziamento político-ideológico, sem preocupação com grandes metas, apenas com o exato instante.

O pós-modernismo é um fenômeno cotidiano que permeia as instituições de outrora, entre elas a religião. Esta não será suprimida pelo pós-modernismo, mas tem sofrido mudanças consideráveis. A lei da oferta, proveniente da lógica do consumo, que faz com que cada um invista naquilo que está ofertando ao público, a diversificação de ofertas e, por conseguinte, adesão à determinado segmento na busca da solução de problemas temporários e, devido à diversidade e à competição, aumento dos sincretismos religiosos são algumas das novas posições que a religiosidade pós-moderna imprime.

Partindo destes pressupostos, a presente pesquisa tem por interesse entender como os temas se entrecruzam; ou seja, analisar se é possível notar a influência da pós-modernidade na religiosidade da Literatura de Cordel e, por conseguinte, no Diabo nela descrito – que é o nosso objeto de estudo –, compreendendo, a partir disto, como se apresenta a crença popular no mito do Diabo e porque ele atravessa os séculos e as mudanças da sociedade sem perder seu espaço na literatura popular.

Percebendo a falta de material historiográfico que discuta a presença do Diabo na Literatura de Cordel brasileira, seu forte traço no imaginário religioso popular e sua permanência tanto na literatura como no imaginário popular percebemos a necessidade de um olhar científico para o assunto.

Desenvolveremos o projeto através da utilização de referenciais teóricos que amparem e embasem a pesquisa, assim como da análise direta de folhetos de cordel do fim do século XX e início do XXI.

Na pesquisa partimos da hipótese de que o contexto sócio-histórico tem influência na construção do lócus literário e, por conseguinte, a pós-modernidade tem influência significativa na forma como se apresenta a religiosidade na Literatura de Cordel, em especial a personificação do mal, o Diabo.

O objetivo deste projeto, portanto, é analisar a representação do Diabo na Literatura de Cordel presente no imaginário popular – também representado no ciclo místico-religioso – bem como a influência pós-moderna nesta. A partir disto pretendemos analisar as transformações sociais ocasionadas pela pós-modernidade, compreender como ela influencia as representações culturais, se esta influência se faz presente na construção da figura do Diabo na Literatura de Cordel, de que forma ele aparece representado, porque ele resiste às mais diversas transformações sociais e permanece presente na mesma, assim como observar se há diferenças entre o Diabo institucional, defendido pela Igreja, e o Diabo descrito na Literatura de Cordel.

A pesquisa será concluída no ano de dois mil e doze (2012), ao fim do curso de graduação em História – Licenciatura Plena, sendo parte integrante do mesmo como Trabalho de Conclusão de Curso.

Referências

- ALMEIDA, Marcos Renato Holtz. *Do terror ao entretenimento: a evolução da figura do Diabo na sociedade pós-moderna*. In: Revista Urutágua, Revista Acadêmica Multidisciplinar do Centro de Estudos sobre Intolerância. Departamento de Ciências Sociais, UEM, Maringá, nº 5.
- ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão. *A cultura dos cordéis: território (s) de tessitura de saberes*. Tese (doutorado em Educação), João Pessoa (PB): PPGE/UFPB, 2007.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- EAGLETON, Terry. *A Ascensão e queda da teoria*. In: Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e Pós-Modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- JAMESON, Frederic. *Teorias do pós-moderno*. In: A Virada Cultural: reflexões sobre o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2005.
- LE GOFF, Jacques. *Mentalidades, Sensibilidades, Atitudes (Séculos 10º- 13)*. In: LE GOFF, Jacques. A civilização do ocidente medieval. Bauru-SP: EDUSC, 2005, p. 325-363.
- LIMA, Antonio Carlos Ferreira. *A permanência do ciclo místico religioso da literatura de cordel e sua correlação com os níveis de construção textual*. Tese (doutorado em Letras e Linguística: Literatura Brasileira), Maceió (AL): PPGLL/UFAL, 2008.

MESSADIÉ, Gerald. *História Geral do Diabo: da Antiguidade à Idade Contemporânea*. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 2001.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F.. *O Diabo no imaginário cristão*. São Paulo: ÁTICA, 1986.

PAGELS, Elaine. *As Origens de Satanás: um estudo sobre o poder que as forças irracionais exercem na sociedade moderna*. Rio de Janeiro: EDIOURO, 1996.

QUEIROZ, José J. *Deus e crenças religiosas no discurso filosófico pós-moderno. Linguagem e religião*. In: Revista de Estudos da Religião, nº 2, 2006, p. 1-23.

QUINTILIANO, Angela Maria Lucas. *De Hades ao Diabo: uma reflexão sobre os significados das imagens no imaginário pós-moderno da figura do Diabo*. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st4/Quintiliano, Angela Maria Lucas.pdf>. Acesso em: 19 de Setembro de 2009 (2009).

SANTOS, Jair Ferreira. *O Que é Pós-Moderno*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Folhetos de Cordel:

BARROS, Leandro Gomes de. *A peleja de Manoel Riachão com o Diabo*. 1889.

VIANA, Arivaldo. *Um pagode no inferno ou a nova loura do cão*. 1999.